

Pesquisa mostra que jovens desconhecem riscos causados pela ingestão de substâncias químicas

Tese revela uso indiscriminado de produtos para modelagem corporal

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Quando integrava a seleção brasileira de judô, no início da década e 70, Daniel Carreira Filho assegurava a boa forma física e atlética por meio de treinamento e alimentação balanceada. O único recurso extra que se permitia utilizar à época era um suplemento alimentar, hoje presente nas gôndolas dos supermercados, ao lado de produtos classificados como “matinais”. Passados 30 anos, o agora professor de educação física resolveu investigar em sua tese de doutoramento, defendida na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, a quantas anda o uso de técnicas e substâncias químicas com a finalidade de modelar o corpo por jovens de 14 a 18 anos, mas que não desenvolvem atividades físicas e esportivas ou que as praticam sem o objetivo da competição. Os resultados do estudo, conforme o autor, foram preocupantes. Entre o universo pesquisado, 60% disseram lançar mão de técnicas de emagrecimento, 11,18% admitiram tomar remédio para perder peso e 2,39% confessaram consumir esteróides anabólicos para ganhar massa muscular. E o mais grave: a maioria reconheceu desconhecer as consequências de suas atitudes.

A pesquisa de Carreira Filho foi desenvolvida junto a alunos de escolas públicas e particulares de São Caetano do Sul, considerada um exemplo de inclusão social no Brasil. Os adolescentes, de ambos os sexos, foram submetidos a um questionário composto por 71 questões de múltipla escolha. O objetivo, de acordo

com o autor do trabalho, foi identificar a prevalência do uso de técnicas ou substâncias químicas com finalidade de modelagem corporal entre os jovens. Tratou-se, portanto, de um estudo epidemiológico, o primeiro do gênero realizado no país, conforme o pesquisador. Ao tabular os dados, por meio de um software para cálculos estatísticos, o professor de educação física obteve resultados inquietantes.

Entre os 2.219 estudantes que responderam ao questionário, número que corresponde a 14,8% da população do município nessa faixa etária, 60,07% disseram fazer uso de técnicas para emagrecimento. A prá-



O professor de educação física Daniel Carreira Filho: “Muitas dessas substâncias estão ao alcance de quem desejar, a preços acessíveis”

tica é mais comum entre as mulheres (76% delas) do que entre os homens (44%). O consumo de remédios com o objetivo de perder peso foi admitido por 11,18% dos adolescentes. Mais uma vez, as meninas (15,17%) relevaram maior preocupação com o assunto do que os meninos (7,38%). Em relação aos esteróides anabólicos, 2,39% dos entrevistados confessaram administrá-los, índice que coincide com os dados da literatura mundial. A utilização das substâncias, nesse caso, é mais frequente no meio masculino (3,7%) do que no feminino (0,93%).

Ainda de acordo com a investigação, apenas 30% das mulheres pes-

quisadas afirmaram praticar atividades físicas regulares, percentual que sobe para 60% entre os homens, porém sem caracterizar vínculo com o rendimento no campo esportivo. “Esses dados permitem considerar que a prática esportiva não é fator preponderante na adoção dessas técnicas ou substâncias. O comportamento está vinculado à necessidade da modelagem corporal, de modo a atender as exigências culturais presentes na sociedade”, analisa Carreira Filho. Ele conta que somente 16% dos jovens que participaram da entrevista disseram estar satisfeitos com o próprio corpo. Entre os rapazes, 31% revelaram estar preocupados em aumentar a massa muscular, enquanto 47,55% das garotas demonstraram o desejo de emagrecer.

Nesse ponto, o pesquisador faz um parêntese. De acordo com ele, 6% dos jovens que estão abaixo do peso e 12% dos que têm peso normal revelaram que tomam remédios para emagrecer. Dos que estão abaixo do peso, 40% disseram buscar técnicas de emagrecimento. O autor da tese de doutorado assinala que a pesquisa identificou que entre os usuários de substâncias químicas ou de técnicas para modelagem corporal, a maioria desconhece as consequências desse comportamento. Entre os que tomam remédio para perder peso, 85% disseram não saber quais os riscos oferecidos pelas drogas.

Dentre os que aderem a técnicas para modelar o corpo, 94% assumiram não ter informações sobre as consequências da cirurgia plástica ou da aplicação de botox, por exemplo. Para Carreira Filho, que foi orientado pelo professor José Martins Filho, ex-reitor da Unicamp e professor da FCM, os desdobramentos desse comportamento juvenil podem ser graves. Ele lembra que no

meio esportivo as informações sobre os riscos do uso de determinadas substâncias para alcançar o “corpo perfeito” estão bastante disseminadas. Boa parte dessas “bombas”, como são popularmente chamadas, é considerada doping para efeito competitivo. “Mas entre a população em geral, o desconhecimento ainda é grande. Muitas dessas substâncias estão ao alcance de quem desejar, a preços acessíveis”, diz.

Carreira Filho considera que o problema do uso indiscriminado de técnicas e substâncias químicas para a modelagem corporal deve ser enfrentado por meio da orientação da população, sobretudo da camada jovem. “Não adianta colocar medo, pois isso não funciona. A melhor alternativa é a informação honesta”. A escola, a seu ver, seria um bom local para desenvolver esse trabalho. “Tratar o tema no seio da escola seria uma boa alternativa para os estudantes discutirem as consequências daquilo que colocam em seu organismo, com a participação de várias disciplinas escolares”, sugere. Além disso, a mídia, que ajuda a potencializar o narcisismo já latente na sociedade, também poderia colaborar ao adotar uma postura mais responsável em relação ao tema, conforme o pesquisador.

De acordo com o professor de educação física, os jovens têm buscado o que ele classifica como *fast body*, ou seja, a rapidez do corpo perfeito em razão de pressões sócio-culturais. “Trata-se, em outras palavras, da construção social do poder do corpo. Não podemos continuar transmitindo a esses jovens o conceito segundo o qual existem características corporais que facilitam a inserção social”, afirma o pesquisador, que leciona atualmente na Universidade Cruzeiro do Sul, em São Paulo.

para ficar em poucos exemplos. Para estabelecer a padronização, Santos valeu-se de três grupos de pacientes: um formado por indivíduos normais, outro por pessoas com hipertireoidismo e o terceiro com portadores de hipotireoidismo. O professor Darío explica que após a administração do radiofármaco, a tireóide capta o contraste em quantidades distintas, variando conforme o estado clínico de cada grupo. Assim, as glândulas com maior atividade absorveram mais o sestamibi do que a que as apresentam deficiência de funcionamento. O outro passo, completa o pós-graduando, foi estabelecer o melhor tempo para a realização do exame após a injeção do contraste. Santos estudou períodos que se estenderam até duas horas, mas o melhor prazo obtido foi de cinco minutos, segundo ele.

De acordo com o professor Darío, a pesquisa do seu orientado abriu uma perspectiva importante para o uso da sestamibi em substituição ao iodo radioativo, com vantagens significativas para o paciente. Mas antes que isso ocorra, adverte, serão necessários novos estudos para comprovar se o novo método pode ser aplicado em situação de atendimento clínico. “Nós já demos início a esta segunda fase, inaugurando dessa forma uma nova linha de pesquisa na FCM. Os primeiros resultados se revelaram importantes, mas ainda é muito cedo para tirarmos qualquer conclusão definitiva. Entretanto, fica o desejo de que esse método traga novas contribuições à medicina nuclear”, afirma o especialista, que pertence ao Departamento de Radiologia da Faculdade. (M.A.F.)

Método serve de atalho para a análise da tireóide

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Um método pioneiro para a análise da função da tireóide, glândula que produz hormônios que controlam diversos órgãos humanos e interfere diretamente em processos como crescimento, ciclo menstrual, fertilidade etc, acaba de ser desenvolvido pelo médico Allan de Oliveira Santos para a sua tese de doutoramento, a ser defendida na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Graças à nova abordagem, o paciente pode ser submetido ao exame a qualquer momento, sem a necessidade de um preparo relativamente prolongado, como ocorre no procedimento convencional. Para chegar a esse resultado, de caráter ainda preliminar, Santos substituiu o radiofármaco (contraste) usado tradicionalmente pela medicina nuclear no estudo dessa glândula por um outro empregado em avaliações cardiológicas. “O estudo demonstrou que o método é factível. Agora, estamos dando prosseguimento à pesquisa, para identificar se ele pode ser aplicado em condições normais de atendimento clínico”, afirma Celso Darío Ramos, orientador do pós-graduando e docente da FCM.

A pesquisa conduzida por Santos, em conjunto com a professora Denise E. Zantut Wittmann da Disciplina de Endocrinologia da FCM, foi apresentada recentemente no Congresso Europeu de medicina nuclear, realizado na Finlândia, e acaba de ser aceito para publicação pelo *European Journal of Nuclear Medicine*,

um dos mais prestigiados da área. “Felizmente, o trabalho tem repercutido bem junto à classe médica”, diz o autor. De acordo com ele, o exame convencional da tireóide, bastante antigo, é feito por meio da cintilografia com iodo radioativo ou um análogo. Este procedimento tradicional exige o preparo antecipado do paciente, o que requer períodos que podem variar de 15 dias a três meses. Nesse tempo, a pessoa tem que se submeter a uma dieta pobre em iodo, suprimindo alimentos como peixes, algumas verduras etc.

Além disso, alguns pacientes são obrigados a suspender a ingestão de determinadas drogas. As mulheres, por sua vez, não podem pintar as



O professor e orientador Celso Darío Ramos: “O estudo demonstrou que o método é factível”

unhas ou tingir os cabelos. “São cuidados que objetivam eliminar possíveis interferências nos resultados do exame”, explica o professor Darío. O radiofármaco alternativo usado no estudo de Santos, chamado sestamibi, empregado usualmente em exames cardiológicos, dispensa essa etapa. A substância, conforme o médico, é captada pela tireóide independente de o indivíduo ter feito uso ou não do iodo anteriormente. “Além de facilitar a vida do paciente, o novo método o desobriga de suspender uma eventual medicação importante, que poderia interferir no resultado do exame convencional”, explica o orientador da tese.

Conforme o orientador da pesqui-

sa, o trabalho do seu aluno foi estabelecer um padrão para o uso da sestamibi para a detecção do hipertireoidismo e do hipotireoidismo, doenças que, como as denominações sugerem, referem-se ao mau funcionamento da tireóide. A primeira ocorre quando a glândula produz hormônios em excesso, causando sintomas como tremores, palpitação, arritmias, emagrecimento rápido e aumento de apetite, entre outras. No segundo caso, acontece o contrário, ou seja, a tireóide passa a produzir hormônios em quantidade menor do que a exigida pelo organismo, ocasionando desânimo, redução de memória e raciocínio, alterações menstruais, ganho de peso e inchaço,

para ficar em poucos exemplos.

Para estabelecer a padronização, Santos valeu-se de três grupos de pacientes: um formado por indivíduos normais, outro por pessoas com hipertireoidismo e o terceiro com portadores de hipotireoidismo. O professor Darío explica que após a administração do radiofármaco, a tireóide capta o contraste em quantidades distintas, variando conforme o estado clínico de cada grupo. Assim, as glândulas com maior atividade absorveram mais o sestamibi do que a que as apresentam deficiência de funcionamento. O outro passo, completa o pós-graduando, foi estabelecer o melhor tempo para a realização do exame após a injeção do contraste. Santos estudou períodos que se estenderam até duas horas, mas o melhor prazo obtido foi de cinco minutos, segundo ele.

De acordo com o professor Darío, a pesquisa do seu orientado abriu uma perspectiva importante para o uso da sestamibi em substituição ao iodo radioativo, com vantagens significativas para o paciente. Mas antes que isso ocorra, adverte, serão necessários novos estudos para comprovar se o novo método pode ser aplicado em situação de atendimento clínico. “Nós já demos início a esta segunda fase, inaugurando dessa forma uma nova linha de pesquisa na FCM. Os primeiros resultados se revelaram importantes, mas ainda é muito cedo para tirarmos qualquer conclusão definitiva. Entretanto, fica o desejo de que esse método traga novas contribuições à medicina nuclear”, afirma o especialista, que pertence ao Departamento de Radiologia da Faculdade. (M.A.F.)